
**ROBERT MUCHEMBLED: O
HISTORIADOR DOS GESTOS DO PASSADO
HISTÓRICO**

Geraldo Pieroni

Doutor em História da Civilização do Ocidente Moderno, Universidade Paris-Sorbonne (Paris IV). Professor do Programa de Mestrado e Doutorado em Comunicação e Linguagem da Universidade Tuiuti do Paraná

E-mail: geraldopieroni@yahoo.com

ROBERT MUCHEMBLED: O HISTORIADOR DOS GESTOS DO PASSADO HISTÓRICO**ROBERT MUCHEMBLED: L'HISTORIEN DES GESTES DU PASSÉ HISTORIQUE**

Geraldo Pieroni

RESUMO

O francês Robert Muchembled é mundialmente conhecido pelos seus estudos alicerçados sobre a interseção da história cultural e das ciências sociais. Especialista nos tempos modernos, o historiador focou, com original interpretação, a cultura popular, a violência, a justiça, a feitiçaria, os costumes e os gestos do passado histórico. Este artigo reflete sobre o papel do historiador que colhe nos costumes e atitudes do passado o promissor diálogo com a Antropologia do poder, a História social e o interacionismo, o qual impetra uma dialética das interações com o outro e com o meio, como desencadeador da construção sócio-cognitiva e cultural de uma determinada época.

PALAVRAS-CHAVE: Muchembled, História, Antropologia, gestos do passado.

RÉSUMÉ

Le français Robert Muchembled est reconnu mondialement pour ses études fondée sur l'intersection de l'histoire culturelle et les Sciences Sociales. Spécialiste dans les temps modernes, l'historien a concentré, avec une interprétation originale, la culture populaire, la violence, la justice, la sorcellerie, les coutumes et les gestes du passé historique. Cet article se penche sur le rôle de l'historien lequel récolte dans les coutumes et gestes passés, le dialogue rentable avec l'anthropologie du pouvoir, l'histoire sociale et interactionnisme, qui impetra une interaction dialectique entre eux et avec l'environnement, telles que le déclenchement de la construction socio-cognitive et culturelle d'une époque particulière.

MOTS-CLÉS: Muchembled, Histoire, Anthropologie, geste du passé.

Nascido no dia 4 de março de 1944 na cidade de Lievin, norte da França, Muchembled é, desde 1967, professor de História. Ensinou na *École Normale* de Lille e na Universidade de Lille III, sendo assistente e mestre de conferências de 1969 a 1986; doutor de *troisième cycle* (1974) e doutor *d'État* em História desde 1985, na Universidade de Paris I - Panthéon/Sorbonne, onde defendeu tese sob a orientação do professor Pierre Goubert. Em 1986 tornou-se professor catedrático na Universidade de Paris XIII.

As ideias de Muchembled se fundamentam na prerrogativa dos fenômenos sócio culturais que envolvem o âmbito do desempenho dos papéis relacionais e seus vínculos com o modo pelo qual cada indivíduo concebe a sua imagem e como pretende preservá-la.

Goffman (1922-1984) já havia estudado a interação social efetivadas no cotidiano, especialmente nos lugares públicos. No seu livro *A Representação do Eu na Vida Cotidiana* (GOFFMAN, 1975), ele aprofunda a reflexão que mais caracteriza a sua obra: o mundo é um teatro e, cada um de nós, individualmente ou em grupo, atua conforme as circunstâncias em que nos encontremos, marcadas por rituais e posições distintivas relativamente a outros indivíduos ou grupos. Já em *Estigma - Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* (GOFFMAN, 1980), reexamina os conceitos de “estigma” e “identidade social”, o alinhamento grupal e a identidade pessoal, “o eu e o outro”, o controle da informação, os desvios e o comportamento desviante. Ele aborda a “comunidade dos estigmatizados”, constituída por aqueles considerados como engajados numa espécie de negação coletiva da ordem social, tais como os boêmios, delinquentes, prostitutas, ciganos, malandros, mendigos e até mesmo os músicos de jazz (GOFFMAN, 1980). As análises de Muchembled, particularmente aquelas sobre a feitiçaria e as práticas diabólicas, lhe permitiram adentrar no mundo dos heterodoxos, dos estigmatizados, *locus* das heterotopias, espaços das alteridades, que não estão nem aqui nem lá, que são simultaneamente físicos e mentais.

Neste sentido Foucault, no texto *Outros Espaços*, elabora o conceito de heterotopia para mostrar que o espaço do outro foi esquecido pela cultura ocidental. Em busca do uno, do universal, a razão europeia afastou o outro, o dessemelhante, a multiplicidade. Foucault localiza as heterotopias na “ansiedade da nossa época” que “tem a ver fundamentalmente com o espaço, muito mais do que com o tempo. O tempo aparece-nos como apenas uma das várias

operações distributivas que são possíveis entre os elementos que estão espalhados pelo espaço” (FOUCAULT, 1967).

Muchembled, no entanto, dirige o seu olhar para os espaços da época da formação dos Estados Modernos que surgiram a partir do século XV. Áreas ocupadas pelo “o eu e o outro”, mundo marcado pelos comportamentos desviantes. Seguindo a dicotomia puro/impuro, o estabelecimento da ordem supõe o isolamento do culpado. A mácula deixada pelo estigmatizado exige uma reparação, e para inverter o prejuízo causado, torna-se necessário apagar a mancha, punindo e afastando o “criminoso”. Muchembled prioriza o conceito de que a perseguição dos discriminados sociais só é possível através da institucionalização do poder. Para ele “não existe sociedade humana sem o Estado não importa qual seja a sua forma” (MUCHEMBLED, 1993, p.6-8): o Leviatã mensageiro do sagrado. Embate entre duas visões de mundo radicalmente opostas. De um lado, a concepção da elite erudita dos juristas e teólogos; e do outro, a da cultura do povo supersticioso, de onde provinha a maioria dos acusados.¹

As bruxas: eis as protagonistas preferidas de Muchembled. O combate dos homens da lei na manutenção da ordem social se chocava com a desordem da feitiçaria. Desordem, evidentemente, aos olhos do Estado e da Igreja que idealizaram o modelo do Reino terrestre fundado sobre a autoridade do rei e o triunfo de Deus. Mas essa “contra-ordem”, do lado das feiticeiras, “é ainda uma ordem”². O diabo, o protótipo do avesso absoluto em relação à disciplina divina, propunha às feiticeiras o regozijo já nesta terra, uma proposta contrária ao primeiro e o mais importante mandamento das leis divinas: “Eu sou o Senhor teu Deus... Não terás outros deuses além de mim... Não te prostrarás diante deles, nem prestarás culto”. (BÍBLIA, Êxodo, 20, 1-17).

Para ele, a caça às bruxas “não foi nem uma aberração mental dos juizes, nem o resultado de ilusões ou demências dos acusados, mesmo se tais fenômenos pudessem exercer um papel marginal e pontual” (MUCHEMBLED, 1993, p.33). Muchembled defende a especificidade das perseguições aos heréticos e desviantes da ordem estabelecida situando-os no bojo da modernização da Europa. Ele aponta as bases religiosas das perseguições, que

¹ Muchembled aprofunda esta questão no seu livro *Culture populaire et culture des elites dans la France moderne (XVe – XVIIIe siècles)*, Paris: Essai, Flammarion, 1991, p.I-XI (1er ed. 1978).

² Bercé, Yves-Marie. *Fête et révolte*. Paris: Hachette, 1976. Analisando as festas e revoltas nas culturas populares dos séculos XVI ao XVIII, destaca que “a festa não se identifica à desordem, ela não é um retorno anárquico dos instintos. Ela é uma contra-ordem e a contra-ordem é ainda uma ordem”. p. 36.

segundo ele são coerentes, pois estes encaixos contrariam os dogmas fundamentais do cristianismo, no entanto, eis o mais importante, escondem o essencial que é a “invenção de uma nova maneira de ser sujeito no mundo” (MUCHEMBLED, 1993, p.33).

O seu livro *La sorcière au village: XVe-XVIIIe siècle, 1979*, o autor se debruça sobre uma criatura surpreendente que fascina o Ocidente há cinco séculos: a feiticeira, a serva do diabo. Esta obra propõe um novo olhar sobre a feitiçaria moderna tecendo uma apreciação diferente daquela concebida pela tradição demonológica da cultura clássica. A feiticeira é aceita pelas sociabilidades das pequenas cidades ou vilas, onde ela há muito tempo, tinha a função de gerenciadora dos fenômenos sobrenaturais. Exorcizada pelo triunfo da razão erudita, teria ela desaparecido do meio rural? O autor esmiúça as várias razões de sua permanência.

São poucas as suas obras publicadas no Brasil. Uma delas é *Uma história do Diabo: séculos XII – XX, 2003*, texto que explora minuciosamente a imagem do demônio e da iconografia do mal pertencente à civilização ocidental a partir do século XII. Não é um simples percurso da representação do diabo, trata-se de um estudo muito original e inédito sobre as relações entre cultura, imagens do corpo, lugar social e iconografias diabólicas. O autor se esmera na escritura ao demonstrar o conjunto das manifestações culturais e intelectuais da sociedade ocidental as quais são revisitadas e re-estudadas sob o prisma das várias divulgações pictóricas do diabo. Ao retratar a cultura do povo, ele conduz o leitor a um mergulho nos mitos construídos acerca de Satã e das de suas noivas. É uma fascinante viagem conduzida nos macabros ardis do Maligno. Quais as transformações efetivadas nas representações iconográficas do demônio no decorrer do tempo? Como o pobre diabo passível de zombarias do período medieval vai se transfigurando no aterrorizante príncipe das trevas dos inquisidores? Várias e ricas são as fontes primárias utilizadas por Muchembled, fundadas sobre o *Malleus Maleficarum* dos dominicanos Jacques Sprenger e Henry Institoris, escrito em 1487 e de outros tratados de demonologia que se multiplicavam na época. Ao final do século XVI tornaram-se verdadeiros sucessos de livraria: *Démonomanie des sorciers* de Jean Bodin, publicado em 1580; *Démonolâtrie* de Bicolas Rémy em 1595; *Discours exécration des sorciers*, em 1603, de Henry Boguet; *Tableau de l'inconstance des mauvais anges et démons*, em 1612, e *Incrédulités et mescrance du sortilège*, em 1662, de Pierre de Lancre. Graças a esses manuais demonológicos, a eficácia da caça às bruxas espalhou-se em todo o mundo

cristão, incluindo, também, as obras do teólogo protestante, Lambert Daneau em 1574 (MUCHEMBLED, 1993, p.16).

Muchembled vai muito além das fontes clássicas, ele valorizou todos os tipos de registros ou formas de revelação do demônio, desde os saberes doutos, como mencionados acima, até a sabedoria mais popular tais como jornais, revistas, filmes, dramaturgia e mesmo histórias em quadrinhos. Enfim é um percurso de longa duração, como sugere o próprio título que envolve o século XII até o XX:

Este livro abrange e explora toda uma panorâmica do imaginário ocidental. O diabo, em sua forma habitualmente admitida, não é o seu único centro, pois as metamorfoses da figura do Mal em nossa cultura falam igualmente da infelicidade dos homens no seio de sua sociedade (MUCHEMBLED, 2003, p.14).

Um outro livro editado no Brasil se intitula O orgasmo e o Ocidente: uma história do prazer do século XVI a nossos dias, 2007. A obra aborda as diferenças culturais dos comportamentos entre o Velho e o Novo Mundo, delinea em profundidade a evolução no tempo dos prazeres da carne. Para Muchembled a história do ocidente é a história do incessante esforço de sublimação do latejar erótico, não somente devido aos ensinamentos teológicos e clericais provenientes das várias confissões cristãs, mas também de todos os poderes e instâncias comunitárias.

Os novíssimos temas da historiografia contemporânea, os quais Muchembled é um dos grandes inovadores, conduziu o prazer sexual - o orgasmo - em um verdadeiro objeto histórico. Para o autor, esta sublimação das pulsões sensuais é o motor oculto do dinamismo ocidental até os anos 1960. Entre repressões e liberdades da era de Luis XIV (1643-1715) – o grande século – passando pela época vitoriana até chegar aos nossos dias, a História do orgasmo é a descrição dos desejos proibidos, formatados pela moral, pela Igreja e pelo Estado. O livro nos faz descobrir o avesso da História tradicional, nos conduz aos bastidores secretos que tabus e omissões virtuosas tinham deixado nas sombras; convenientemente escondidos.

Na esteira das Ciências Sociais e da Antropologia, Muchembled enxerga no empenho rumo ao autocontrole e à purificação do sexo o ponto nodal onde se revela a originalidade da Europa ocidental moderna. O autor caminha nas veredas de Norbert Elias no que diz respeito aos padrões europeus pós-medievais de violência, comportamento sexual, funções corporais, etiqueta à mesa e formas de discurso que foram gradualmente transformados pelo crescente domínio da vergonha e do nojo. O autocontrole era cada vez mais imposto por uma rede

complexa de conexões sociais desenvolvidas por uma autopercepção psicológica (ELIAS, 1990). Muchembled salienta o papel desse processo civilizador no campo afetivo e na inibição da volúpia, para robustecer a teoria da repressão sexual enquanto mola propulsora nas atitudes comportamentais ocidental.

Silvia Liebel, sob a orientação acadêmica de Muchembled na Universidade Paris XIII, comentando esta obra, enfatiza que o autor define a sexualidade como "a chave da civilização moderna"; ele

se propõe a trilhar um percurso percorrido por Michel Foucault, no qual confessamente se inspira, mas que com ele não se estagnou. Mais do que discorrer sobre a historicidade do prazer nos últimos cinco séculos, de modo inovador Muchembled desenvolve uma teoria da sexualidade explicativa da expansão européia na Modernidade (LIEBEL, 2008).

Contextualização conceitual preciosa elaborado por Muchembled é aquela relacionada à cultura popular. No seu livro *Culture populaire et culture des élites dans la France moderne (XVe-XVIIIe siècle)*, 1978, o autor assegura que existia no século XV uma cultura popular a qual oferecia uma certa visão de mundo que permitia à massa, ao povo, encarar as dificuldades cotidianas. No entanto os séculos XVI-XVII assinalam uma mudança nesta tradição, assim dita popular. O povo passará a viver uma lenta revolução cultural devido à repressão de duas poderosas instituições: a Igreja e o Estado, que passam a agir contra as manifestações dos costumes populares. Por que esta repressão, indaga Muchembled. O objetivo é de submeter o povo aos dogmas do cristianismo e ao mesmo tempo ao poder absoluto do rei. Os elementos fundamentais desta brutal coibição se efetivam através uma negação do corpo e uma submissão das almas; por uma imposição e uma obediência ao poder real e, por fim, pela caça contumaz às bruxas. A tese de Muchembled sustenta que entre os séculos XVI ao XVIII ocorre uma lenta aculturação das massas, graças à ação conjunta do Estado e da Igreja.

O poder temporal exige o sacrifício de seus súditos para salvar o Trono. O poder espiritual impetra a conversão e o sacrifício dos fiéis para salvar o Altar. Nesta direção encontramos uma dupla economia salvacionista emanadas das duas maiores instituições do Antigo Regime. Esta é uma forma de poder que não espreita apenas a comunidade como um todo, mas vigia particularmente cada indivíduo durante toda a sua vida. Ainda mais, não pode ser desempenhada sem o conhecimento da mente das pessoas, sem perscrutar suas almas, sem fazer-lhes revelar os seus mais íntimos segredos, como cuidadosamente fez a Igreja tridentina.

No fim desta aculturação, um novo comportamento de massa emerge tomando emprestada a sua ideologia da cultura das elites. Esta grande variedade das produções mágicas e supersticiosas era o resultado de uma extrema autonomia das províncias e comunidades. O verniz cristão não conseguia esconder, na prática, a religião politeísta.

A discussão do relacionamento entre cultura popular e cultura erudita é objeto multidisciplinar nas Ciências Humanas, sobretudo a partir dos anos 1970. Mikhail Bakhtin, em seu livro *A Cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*, 2008, evidencia a maneira pela qual a cultura popular foi compreendida por um intelectual da dimensão de Rabelais. Para Bakhtin, eram os membros das elites que conseguiam captar os costumes das classes populares, os elementos que lhes eram comuns. Ele explica a cultura medieval e renascentista pelo viés da obra de Rabelais, o qual sendo protagonista da época do Renascimento escreveu sobre os vários costumes da sociedade em que ele vivia. Segundo Bakhtin as classes subordinadas possuíam uma visão de mundo que se contrapunha ao dogmatismo e a austeridade cultural das classes dominantes, sobretudo quando estas “culturas subalternas” expressavam suas ideias e anseios de forma burlesca e cômica. Era a carnavalização dos valores da elite medieval. Mas, mesmo assim, essa “fina flor” era a única capaz de criar modelos a serem seguidos pela plebe “rude e ignara”, formando uma mentalidade coletiva e interclassista, que, de certa forma não sofria a ação das massas a não ser pela sua inversão carnavalizante.

O historiador Carlo Ginzburg, 1987, amplia o conceito de cultura popular de Mikhail Bakhtin, abrindo janelas que vislumbram a discussão sobre o processo de circularidade cultural. Historiador, antropólogo e um dos pioneiros no estudo da micro-história, a partir de uma exploração minuciosa das fontes, Ginzburg investiga, através do moleiro Menocchio e a sua excêntrica cosmogonia, a relação entre cultura popular e cultura letrada, no século XVI. Sua discussão prioriza até que ponto a primeira é subordinada à segunda. Assim, Menocchio tornou-se o porta-voz de uma cultura popular, pois retirava da leitura dos livros apenas o que lhe interessava para sustentar suas ideias.

Para alguns destes estudiosos não há a separação dos domínios do erudito e do popular mostrando, ao contrário, os empréstimos recíprocos, a “biculturalidade”, as convergências e mútuas participações, o trânsito enfim das esferas, a seminal ideia da “circularidade cultural”: movimento pendular e reentrante bastante inovador projetado no universo de trocas recíprocas.

A violência, tema tão caro para os sociólogos, foi também para Muchembled um fecundo objeto de estudos históricos. No seu livro *Une histoire de la violence du Moyen Âge à nos jours*, 2008, ele mostra que a brutalidade e o homicídio tiveram uma queda constante a partir do século XIII. Muchembled acredita que a teoria de uma “civilização dos costumes”, de uma evaporação progressiva da violência tem fundamentos históricos. Como explicar esta incontestável regressão da agressividade?

Quais mecanismos a Europa colocou em funcionamento para estancar a violência? Um controle cada vez mais cerrado dos adolescentes masculinos e solteiros, submetidos a uma educação coercitiva, fornecem os elementos centrais para a explicação. Progressivamente, a violência masculina desaparece do espaço público para se concentrar no bojo da esfera doméstica. Objeto de longuíssima duração, o autor conclui apontando o ressurgimento da violência no século XXI, agressividades provenientes das periferias urbanas.

Em *Le Temps des supplices: de l'Obéissance sous les rois absolus - XVe-XVIIIe siècles*, 1992, Robert Muchembled especula um filão original da antropologia política para desvendar as incursões simbólicas da autoridade e da obediência, entre 1400 e 1789, época da construção da modernidade ocidental.

Ele edifica as suas teses sobre um notável acervo de fontes primárias e em uma minuciosa revisão da literatura especializada. Aponta o ápice dos suplícios em meados do século XVI. Torturas, execuções, tormentos e várias espécies de castigos multiplicaram os festejados atos punitivos que ofereciam aos espectadores um ritual alicerçado em uma nova socialização do poder público. Esta reorganização do sistema judiciário, além da punição dos condenados, almejava propagar nas comunidades o medo de ser punido, inventando para os não suspeitos novos mecanismos de adesão, de obediência. A caça as bruxas com os suplícios das feiticeiras ganha, também nesta obra, suntuosa análise.

Muchembled, como já mencionado, exerceu inúmeras funções acadêmicas e continua, com intensidade, a contribuir para a historiografia contemporânea. Atualmente ele é professor de História Moderna na Universidade Paris XIII aonde se dedica com especial atenção às pesquisas que abrangem a História cultural e social da Europa, notadamente a França, particularmente Paris e sua região. Privilegia a história de gênero, os jovens, a violência, a feitiçaria, o diabo, a polidez e vida cotidiana.

Assumiu várias responsabilidades internacionais. Entre 1999 e 2004, foi diretor do Programa de Intercâmbio Cultural na Europa: 1400-1700 (80 pesquisadores de 20 países)

resultando na publicação de uma série de seis volumes editados entre 2000 e 2006. Foi relator da sessão no Congresso Mundial de Historiadores em Sydney, julho de 2005; membro, em 2003-2004, do Instituto de Estudos Avançados de Princeton (EUA). Membro do Centre de Recherches en Études Québécoises e Advisory Board do N.W (Nicolaas Wilhelmus) Posthumus Institute, Holanda. Participa anualmente de vários simpósios e conferências internacionais. Como acadêmico na Universidade de Paris XIII, ele exerceu múltiplas funções. Foi diretor da École doctorale Vivant et sociétés de 2000 a 2006. Foi presidente da Comissão dos especialistas em História, entre 1992 a 2008; diretor do Departamento de História, 1992-1995, sendo fundador e diretor do Centre de Recherches Espaces Sociétés Culture (CRESC), 1992-1997, além de fundador e diretor do curso de História DEA (Diplôme d'Études Aprofondies).

Vencedor do prêmio franco-holandês Descartes-Huygens 1997, concedido pela primeira vez para a categoria Ciências Humanas, homenagem esta em reconhecimento ao trabalho científico de primeira grandeza o qual ele realizou no campo da história cultural e da sua contribuição para a cooperação científica entre a França e a Holanda. Ele é autor de mais de 20 livros, incluindo sete em colaboração com outros colegas e escreveu mais de 70 artigos. Inúmeras são as suas obras traduzidas em 16 idiomas inglês, alemão, polonês, chinês, coreano, espanhol, grego, italiano, japonês, holandês, português, romeno, russo, espanhol, sueco, turco.

A sua produção bibliográfica é vasta e, como já anunciado anteriormente, poucos são as suas obras traduzidas em português. Para conhecer em profundidade os livros de Muchembled deverá procurá-los na língua original. Destacamos os seguintes estudos:

- Une histoire de la violence du Moyen Âge à nos jours, Paris, Seuil, 2008.
- Cultural Exchange in Early Modern Europe 1400-1700 (direction et introduction générale), Cambridge, Cambridge U.P., 2007, 4 vol.
- Le Temps des supplices. De l'obéissance sous les rois absolus, XVe-XVIIIe siècle, Paris, Agora Pocket, 2006 (1ere éd. Armand Colin, 1992).
- L'Orgasme et l'Occident. Une histoire du plaisir du XVIe siècle à nos jours, Paris, Seuil, 2005.
- Passions de femmes au temps de la reine Margot (1553-1615), Paris, Seuil, 2003.
- Diable !, Paris, Seuil-Arte Editions, 2002 (traduit en anglais (États-Unis), Damned ! An illustrated History of the Devil, 2004).

- L'invention de la France moderne, XVIe-XVIIe siècle, Paris, Armand Colin, 2002.
- Une histoire du diable, XIIe-XXe siècle, Paris, Seuil, 2000 ; rééd., Points Seuil, 2002.
- La Société policée. Politique et politesse en France du XVIe au XXe siècle, Paris, Seuil, 1998.
- Les civilisations du monde vers 1492 (en collaboration avec M. Balard, J.-P. Duteil, J. Boulègue), Paris, Hachette, 1997.
- Cultures et société en France du début du XVIe siècle au milieu du XVIIe siècle, Paris, SEDES, 1995.
- Les XVIe et XVIIe siècles (dir.), Paris, Bréal, coll. "Grand Amphi", 1995.
- Magie et sorcellerie en Europe du Moyen Âge à nos jours (dir.), Paris, Armand Colin, 1994 (trad. Romeno e tcheco).
- Le XVIIIe siècle, 1715-1815 (dir.), Paris, Bréal, coll. "Grand Amphi", 1994.
- Le Roi et la Sorcière. l'Europe des bûchers, XVe-XVIIIe siècle, Paris, Desclée, 1993.
- Société, cultures et mentalités dans la France moderne, XVIe-XVIIIe siècle, Paris, A. Colin, coll. "Cursus", 1991; rééd. , 1994, 1995, 1996 ; nouvelle éd. 2001.
- L'Invention de l'homme moderne. Culture et sensibilités en France du XVe au XVIIIe siècle, Paris, Fayard, 1988 ; rééd. "Pluriel", 1994.
- La Violence au village (XVe-XVIIe siècle). Comportements populaires et mentalités en Artois, Turnhout, Brepols, 1989.
- Sorcières, justice et société aux XVIe et XVIIe siècles, Paris, Imago, 1987.
- Nos ancêtres les paysans. Aspects du monde rural dans le Nord-Pas-de-Calais des origines à nos jours (en collab. avec G. Sivéry et divers auteurs), Lille, CRDP, 1983.
- Les Derniers bûchers. Un village de Flandre et ses sorcières sous Louis XIV, Paris, Ramsay, 1981.
- La Sorcière au village (XVe-XVIIIe siècle), Paris, Gallimard-Julliard, 1979 ; rééd. Gallimard, "Folio Histoire", 1991 et 2005.
- Culture populaire et culture des élites dans la France moderne (XVe-XVIIIe siècle). Essai, Paris, Flammarion, 1978 ; rééd. 1991, coll. "Champs".

Coordenador:

- Dictionnaire de l'Ancien Régime (direction, avec la collaboration d'A. Conchon, B. Maes et I. Paresys), Paris, Armand Colin, 2004.

- Religious Ceremonials and Images : Power and social Meaning, edited by Jose Pedro Paiva, avant-propos de Robert Muchembled, Coimbra, Centro de História da Sociedade e da Cultura, 2002.
- Frontiers of Faith. Religious Exchange and the Constitution of Religious Identities, 1400-1700, edited by Eszter Andor and István György Toth, introduction de Robert Muchembled, Budapest, The Central University Press, 2000.
- 16 volumes d'histoire moderne de la collection "Carré Histoire", Paris, Hachette, publiés de 1990 à 2000 ; 2 volumes d'histoire moderne de la collection "Les Fondamentaux", Hachette, depuis 1995.
- Collection "Violence et société" (Turnhout, Belgique, éd. Brepols) : Frédéric Chauvaud, De Pierre Rivière à Landru. La violence apprivoisée au XIXe siècle, 1991; Nicole Gonthier, Cris de haine et rites d'unité. La violence dans les villes, XIIIe-XVIe siècle, 1992.
- Mentalités: 4 volumes parus de 1988 à 1990 (Paris, Imago) : Affaires de sang; Injures et blasphèmes ; Violences sexuelles (trad. en italien et en allemand) ; Les Marginaux.

Alguns artigos:

- Fils de Caïn, enfants de Médée: homicide et infanticide devant le parlement de Paris, 1575-1604, Annales Histoire, Sciences Sociales, automne 2007.
- Outreau : une affaire de sorcellerie de notre temps, Le Débat, janvier 2007.
- La nuit tous les chats sont gris. La police de la rue à Paris au XVIIIe siècle, Le Spectacle politique dans la rue du XVIe au XXIe siècle, éd. par Marie-France Wagner et Catherine Mavrikakis, Montréal, Lux éditeur, 2005, p. 151-159.
- Le diable est-il mort ?, Concordance des temps, éd. par Jean-Noël Jeanneney, Paris, Nouveau Monde éditions, 2005, p. 98-119.

Como constatado na sua produção acadêmica, as diversidades temáticas e as suas múltiplas temporalidades oferecem imensa contribuição à historiografia. O seu dinamismo multidisciplinar é inquestionável. Ao apropriar-se da Ciência Antropológica, ele tem plena consciência que não está fazendo Antropologia no sentido puramente disciplinar, mas sim revigorando a História nas suas interações sociais vistas nos múltiplos detalhes. Ele é empirista e, como experiente historiador, se preocupa com as fontes, com os fatos e, sobretudo, com o processo. Ele percebe que a Antropologia se renovou adquirindo um

conjunto de propósitos interacionistas tão preciosos para Pierre Bourdieu ou Jon Elster³, os quais valorizaram não somente as ações e interações individuais, mas também a institucionalização das muitas formas de dominação.

Muchembled percorre os procedimentos que o historiador necessita explorar para revigorar os possíveis sentidos dos gestos para além do entendimento imediato. Ele indaga o lado oculto que está presente nas ações, bem como o contexto das procedências da linguagem simbólica instituída como ícone na decifração do viver humano. Sem dúvida, o trabalho com os gestos do passado requer um empenho redobrado à medida que um testemunho interacional pode trazer em si uma porção de mistério por vezes indecifrável que não se deixa desvendar numa primeira leitura das fontes históricas. Enfim Muchembled é um porta voz da tendência transdisciplinar, recurso metodológico que ele sabe confortavelmente desenvolver. Sua postura argumentativa é sábia e vistosa.

³ Jon Elster sucedeu Pierre Bourdieu no Colégio da França (1982-2001), que por sua vez havia sucedido Claude Lévi-Strauss e a cadeira de Antropologia Social (1959-1982). Na realidade, nesta instituição, não há a prática de ocupar a vaga de alguém, já que se permite que sejam criadas outras cadeiras conforme a orientação e as pesquisas do novo titular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKTHIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Brasília/São Paulo: Hucitec/UnB, 2008.

BERCE, Yves-Marie. **Fête et révolte**. Paris: Hachette, 1976.

ELIAS, Nobert. **O Processo Civilizador**: Uma História dos Costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

BÍBLIA. **Êxodo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1990, p.120.

FOUCAULT, Michel. **Des espaces autres**: conferência no Cercle d'études architecturales, 14 de março 1967, in: Architecture, Mouvement, Continuité, n°5, p. 46-49, out, 1984.

GINZBURG, Carlo. **O Queijo e os Vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. São Paulo: Vozes, 1975.

_____. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1980.

LIEBEL, Silvia. **A construção social do prazer**. Revista de Estudos Femininos. Vol.16, n° 2, Florianópolis, Maio/Agosto, 2008.

MUCHEMBLED, Robert. **Culture populaire et culture des élites dans la France moderne (XVe-XVIIIe siècle)**. Paris: Essai, Flammarion, 1978.

_____. **O orgasmo e o Ocidente**: uma história do prazer do século XVI a nossos dias. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **La sorcière au village – XVe – XVIIIe siècle**. Paris: Gallimard, 1979.

_____. **Le roi et la sorcière**: l'Europe des bûchers XVe-XVIIIe siècle. Paris: Desclée, 1993.

_____. **Le temps des supplices**: de l'obéissance sous les rois absolus - XVe-XVIIIe siècles. Paris: Armand Colin, 1992.

_____. **Uma história do Diabo**: séculos XII – XX. Lisboa: Ed. Terramar, 2003.

_____. **Une histoire de la violence du Moyen Âge à nos jours**. Paris: Seuil, 2008.

Artigo recebido em dezembro de 2016. Aprovado em fevereiro de 2017